



INSTRUMENTUM LABORIS
do XI CAPÍTULO GERAL
da Pia Sociedade de São Paulo

*«Deixai-vos transformar,
renovando o vosso modo de pensar» (Rm 12,2)*

Chamados a ser artesãos de comunhão
para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho
na cultura da comunicação



PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

PREMISSA

Em 16 de junho de 2019, o Superior Geral, Pe. Valdir José de Castro, dirigindo-se a todos os coirmãos da Congregação, anunciava o início do caminho em direção ao IX Capítulo geral. Naquela ocasião, além de indicar as etapas e o estilo, sugeria a modalidade a ser mantida no caminho: «Em sintonia com a Igreja e com o objetivo de procurar responder às exigências da nossa vida e missão no mundo atual, escolhemos a “sinodalidade” como metodologia para o caminho de preparação e celebração do próximo Capítulo geral, no espírito da exortação do papa Francisco: “O mundo em que vivemos, e que somos chamados a amar e servir também nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todos os âmbitos de sua missão. O caminho da sinodalidade é justamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. [...] Como membros da Igreja, desejamos fazer a experiência de ‘caminhar juntos’, procurando descobrir o que o Espírito do Senhor espera de nós, em um itinerário de discernimento que, partindo da nossa identidade paulina, nos ajude a olhar com objetividade» as diversas realidades da nossa Congregação, a realidade da Igreja toda e das Igrejas locais, o contexto da cultura da comunicação e a realidade dos homens e mulheres a quem somos chamados a servir.

Todo o caminho de preparação até agora percorrido e guiado pela Comissão antepreparatória caracterizou-se por essa metodologia e levou ao esboço do *Instrumentum laboris*, fruto do trabalho precioso de escuta e discernimento desenvolvido nestes dois anos. Desejamos, nesse sentido, agradecer vivamente ao coordenador, Pe. Vito Fracchiola, e aos membros da Comissão, além do metodólogo que acompanhou os trabalhos de perto, Pe. Rossano Sala, SDB, pelo grande e profícuo esforço feito nesse tempo.

O presente documento, que acolhemos com leves modificações, é oferecido aos Capitulares para que possam fazer dele objeto de discernimento durante o Capítulo geral em vista das escolhas que deverão tomar e que determinarão o caminho da Congregação nos próximos anos.

Desejando, de qualquer forma, ser fiéis à metodologia sinodal adotada, este documento é também entregue como instrumento de animação e reflexão a todos os Paulinos na fase de preparação e celebração dos vários Capítulos provinciais e Assembleias regionais.

Cada circunscrição e cada Paulino é convidado a confrontar-se com este *Instrumentum laboris*, a reconhecer a situação da própria realidade e a estar disponível para uma conversão do coração, abrindo-se à confiança e à esperança. E ao mesmo tempo, conscientes dos limites do documento, a oferecer outros argumentos ou estímulos para os Capitulares, de modo que o discernimento seja fruto da contribuição de todos e do “caminhar juntos”.

Esperamos que todos deem sua contribuição neste momento de graça que a Congregação está vivendo.

Em Jesus Mestre, seguindo as pegadas de São Paulo Apóstolo.

Roma, 31 de agosto de 2021

Comissão Preparatória

Pe. Stefano Stimamiglio (coordenador)

Pe. Ampelio Crema

Ir. Darlei Zanon

Ir. Naudy Mogollon

Pe. Saijth Parapallil

Pe. Ulysses Navarro

INTRODUÇÃO

UM CAMINHO SINODAL ABERTO AO ESPÍRITO

a) História do percurso¹

A primeira fase de preparação ao XI Capítulo geral constituiu-se em um questionário (junho de 2019) e na análise e leitura interpretativa das respostas recebidas. O objetivo do primeiro questionário era de dar a conhecer a realidade paulina nas diversas circunscrições a respeito das pessoas, das comunidades, do apostolado e em geral da qualidade da vida paulina. No encontro do Governo Geral com os Superiores Maiores, realizado em Roma em novembro de 2019, refletindo a respeito dos resultados do questionário, foram evidenciados 5 desafios importantes que a Congregação deve enfrentar nos próximos anos². Aqui se concluiu a primeira fase de preparação ao Capítulo geral que, seguindo a

¹ Todo o material relativo ao caminho sinodal em preparação ao XI Capítulo geral pode ser encontrado em <https://bit.ly/3mCfNqK>

² São eles, em síntese:

- 1) Existem carência de testemunho e pouco enraizamento na espiritualidade paulina, de onde deriva a maior parte dos problemas comunitários, formativos e apostólicos, além da perda do sentido de nossa missão em muitos coirmãos.
- 2) Existem dificuldades na vida fraterna e nos relacionamentos, espírito de competição e individualismo, que bloqueiam o trabalho em equipe e a disponibilidade ao serviço na Congregação. Tem-se presente também o envelhecimento (físico e de mentalidade) dos membros e a escassez de vocações.
- 3) Faltam perspectivas de renovação do apostolado, criatividade e entusiasmo em iniciar novos processos (*Evangelii gaudium*, 222) e em procurar novas formas de expressão do apostolado paulino. É preciso fomentar a criatividade apostólica, dar mais espaço para os jovens, qualificar a colaboração com os leigos.
- 4) Enfatizar a formação integral paulina, inicial e contínua, mais direcionada para a missão, tendo por base as orientações dos Seminários sobre o Editor Paulino e a Formação, para favorecer mudança de mentalidade e estabelecer um diálogo profícuo com o mundo atual.
- 5) Assumir a sinodalidade como estilo ordinário na vida comunitária e apostólica, na colaboração entre as circunscrições e dentro delas, nas relações com a Família Paulina, a fim de superar a autorreferencialidade e ser uma Congregação “em saída”.

metodologia do discernimento assumida pela Igreja (cf. *Evangelii Gaudium* n. 51), está sob o nome de **reconhecer**, ou seja, tomar consciência e assumir a realidade paulina com suas luzes e suas sombras.

A segunda fase, partindo dos desafios acima mencionados, evidenciados pelos Superiores Maiores e mediante o 2º questionário (janeiro de 2020), tinha o objetivo de descobrir as razões profundas que estavam na base dos desafios enunciados e, ao mesmo tempo, recolher sugestões para superá-los. Respondendo comunitariamente ao 2º questionário, desejou-se prosseguir o caminho sinodal que caracteriza a preparação e a celebração do próximo Capítulo geral. Na metodologia do discernimento, esta fase é definida como **interpretar**, ou seja, descobrir e compreender as causas “últimas” sobre as quais intervir a fim de que se possa cumprir o objetivo do Capítulo geral: «*Deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar*» (Rm 12,2). *Chamados a ser artesãos de comunhão para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho na cultura da comunicação.*

A Comissão antepreparatória analisou atentamente as respostas ao 2º questionário e o fruto dessa análise é o presente *Instrumentum laboris*, redigido para ser a base do discernimento por parte dos Capitulares. Visto que a situação de pandemia gerada pela Covid-19 prolongou-se mais do que previsto e a celebração do próprio Capítulo foi postergada, a Comissão antepreparatória propôs então um terceiro questionário (abril de 2021), breve e específico, direcionado aos Governos de circunscrição, sobre o efeito da pandemia em nossas circunscrições. O resultado foi inserido como apêndice no fim deste *Instrumentum laboris*. Este último foi entregue à Comissão preparatória imediatamente após sua nomeação. Esta, após uma análise atenta, o adotou, com algumas modificações, na sua primeira reunião (25-26 de agosto de 2021), para que, em coerência com o caminho sinodal, seja enviado a todos os Paulinos em vista dos Capítulos e Assembleias circunscripcionais.

A terceira fase, sempre seguindo o caminho do discernimento, diz respeito a ação própria dos Padres Capitulares, que serão chamados a **escolher** as ações e diretrizes sobre as quais encaminhar a Congregação nos próximos anos. A contribuição de sugestões e orientações dadas pelas comunidades e reportadas no *Instrumentum laboris* é uma ajuda oferecida a eles nas ações de discernimento e escolha que deverão operar.

Evidentemente, após a celebração do Capítulo geral haverá uma fase ulterior: a de recepção e atuação das diretivas emitidas pelo XI Capítulo geral por parte do Governo Geral, das Províncias, das Regiões, das Comunidades religiosas e de cada coirmão.

b) O método de discernimento

A Comissão antepreparatória, ao adotar, como dito, o método de discernimento já proposto pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium* (n. 51), assumiu de fato o método utilizado no Sínodo dos Jovens, que se desenvolve nas 3 fases seguintes: reconhecer, interpretar e escolher.

O discernimento enraíza-se em um ato de fé em Deus, que é Senhor da história e a conduz com a misteriosa e vivificante presença do seu Espírito. O discernimento é, portanto, antes de tudo *escuta* de Deus e de sua Palavra, da Igreja e do Papa, da humanidade e do mundo da comunicação, das vozes de nosso Fundador, das nossas comunidades e de cada um dos coirmãos.

Mediante a escuta sincera, a dinâmica do discernimento nos leva à profundidade *para procurar as razões e as raízes daquilo que estamos vivendo*. Isto nos permite verificar os nossos valores de referência, colocar em discussão nossos hábitos, de modo a ser criativamente fieis à única missão confiada desde sempre à Congregação: evangelizar na comunicação e com a comunicação.

O discernimento se faz assim instrumento pastoral e apostólico, de modo a *identificar as estradas a ser percorridas*, propondo percursos significativos e aproveitáveis pela humanidade de hoje, oferecendo orientações e sugestões que não sejam pré-constituídas

ou confeccionadas no escritório, mas frutos de um processo que permite seguir o Espírito e ser e estar no mundo como nosso pai São Paulo: Paulinos profetas e sentinelas.

Como afirmava o papa Francisco em 3 de outubro de 2018, primeiro dia do Sínodo sobre os jovens, «o discernimento é o método e ao mesmo tempo o objetivo a que nos propomos: isso se funda na convicção que Deus está em ação na história do mundo, nos eventos da vida, nas pessoas que encontro e que falam comigo. Por isso somos chamados a nos colocar em escuta daquilo que o Espírito nos sugere, com modalidades e em direções muitas vezes imprevisíveis».

Uma perspectiva interessante para a reflexão pessoal e comunitária pode ser a de confrontar o método de discernimento escolhido pelo *Instrumentum laboris* com o método paulino Caminho, Verdade e Vida, coração de nosso carisma.³ Intuem-se conexões interessantes que podem ser úteis para nosso aprofundamento.

c) Estrutura do texto do *Instrumentum laboris*

O texto do *Instrumentum laboris* teve presente os 5 desafios mencionados pelos Superiores Maiores e que foram a base do 2º questionário. Analisando as respostas recebidas para o 2º questionário, considerou-se oportuno agrupar os 5 desafios em 3 núcleos centrais. No primeiro núcleo temático, “O paulino e suas raízes carismáticas”, convergem o primeiro e o segundo desafios. No segundo núcleo, “O Paulino em missão: Formação integral para a Missão”, convergem o terceiro e o quarto desafios. O terceiro núcleo, “Uma Congregação sinodal” é todo dedicado ao quinto desafio a respeito da sinodalidade e reagrupa também outras temáticas, como por exemplo o relacionamento com a Igreja local, com os leigos e com a Família Paulina, sempre em ótica sinodal.

³ «Dirigir-se verdadeiramente; ao modo de Jesus Cristo, inteiramente, fazendo-nos Caminho, Verdade, Vida! Pois este não é um método, uma filosofia, uma moral, mas é o método, a filosofia, a moral, o Apostolado, o segredo, segundo o homem e segundo a revelação, segundo a natureza e segundo a graça». Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo*, 1971, p. 19.

Como foi dito acima, no texto do *Instrumentum laboris* cada um dos 3 núcleos temáticos foi desenvolvido seguindo os três momentos que caracterizam o método de discernimento: reconhecer, interpretar, escolher. O texto de cada uma dessas partes se reflete nas respostas ao questionário, muitas vezes com as mesmas palavras. É preciso sublinhar que não são três partes independentes, mas que constituem um mesmo caminho.

– **Reconhecer nossa situação**

O primeiro passo é aquele do olhar e da escuta. Requer prestar atenção nas realidades. Exige humildade, proximidade e empatia, de modo a entrar em sintonia e perceber quais são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias (cf. *Gaudium et spes* n. 1) do mundo paulino. Neste primeiro passo, a atenção se concentra em colher os traços característicos da realidade paulina em sua integridade.

– **Interpretar** à luz da fé

O segundo passo é um aprofundamento daquilo que foi reconhecido. A partir das respostas ao 2º questionário, a Comissão antepreparatória procurou assinalar algumas das causas últimas que geram as dificuldades reconhecidas no primeiro passo. Trata-se de aprofundar, procurando com verdade e honestidade as causas e exprimindo as razões daquilo que reconhecemos. Para formular avaliações equilibradas é importante evitar atitude que tenda a idealizar ou a culpar. Esta é uma fase delicada, que empenhará os Capitulares de modo particular, pois deverão interpretar à luz do Espírito aquilo que se reconheceu na realidade.

– **Escolher**, especificar escolhas de futuro

Apenas à luz da vocação acolhida é possível compreender a quais passos concretos o Espírito nos chama e em que direção devemos nos mover para responder ao seu chamado. Nesta terceira fase de discernimento é preciso examinar instrumentos e práticas congregacionais, e cultivar a liberdade interior necessária para escolher aqueles que melhor nos permitem alcançar o escopo,

abandonando aqueles que se revelam menos capazes de fazê-lo. Trata-se, então, de uma avaliação operativa e de uma verificação crítica, não de um juízo a respeito do valor ou do significado que os mesmos meios puderam ou possam ter em circunstâncias ou épocas diversas. Este passo poderá especificar, onde for necessário, intervenção de reforma, mudança de práticas congregacionais, formativas e apostólicas, para salvá-las do risco de se cristalizarem.

d) Conclusão: iniciar processos

O Papa Francisco, reportando um pensamento do Card. Newman, disse: «*“Aqui sobre a terra viver é mudar, e a perfeição é resultado de muitas transformações.” Não se trata obviamente de procurar a mudança pela mudança, ou de seguir as modas, mas de ter a convicção que o desenvolvimento e o crescimento são a característica da vida terrena e humana, enquanto, na perspectiva do crente, no centro de tudo está a estabilidade de Deus. Nós devemos começar processos e não ocupar espaços.*» (Audiência a Cúria Romana, 21 de dezembro de 2019).

O intento deste *Instrumentum laboris* é ajudar os Capitulares a começar processos que gerem dinâmicas novas na Congregação e garantir que o Documento final do Capítulo geral tenha grande fôlego, nos passos do que Papa Francisco pediu ao Sínodo dos Jovens: «Empenhemo-nos portanto em procurar “frequentar o futuro”, e de fazer sair deste Sínodo não apenas um documento – que geralmente é lido por poucos e criticado por muitos –, mas sobretudo propostas pastorais concretas, em condições de realizar a tarefa do próprio Sínodo, ou seja, de fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer esperanças, estimular confiança, enfaixar feridas, tecer relações, ressuscitar uma aurora de esperança, um aprender do outro, e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, devolva força às mãos, e inspire aos jovens – a todos os jovens, sem exceção – a visão de um futuro cheio da alegria do Evangelho» (Papa Francisco, 3 de outubro de 2018).

Primeiro núcleo

Chamados...

**O PAULINO
E AS SUAS RAÍZES CARISMÁTICAS**

RECONHECER nossa situação

I. As características de um verdadeiro apóstolo

O nosso Fundador, Pe. Tiago Alberione, nos ensina que *«Apóstolo é aquele que leva Deus em sua alma e o irradia em torno de si. Apóstolo é um santo que acumulou tesouros; e comunica o excedente aos homens. O Apóstolo tem um coração aceso de amor por Deus e pelos homens» (Ut perfectus sit homo Dei, IV, 278).*

O Fundador descreve as características fundamentais de um verdadeiro apóstolo, cujo modelo, para nós, é São Paulo. As suas palavras servem para confrontar-nos com o panorama descrito pela maioria dos Paulinos no 2º questionário em preparação ao XI Capítulo geral. O Bem-aventurado Tiago Alberione nos ajuda a dar o justo peso à realidade percebida em nossas comunidades, que requerem intensificar a vida interior, reforçar o amor por Deus e pelos homens. Alguns coirmãos falam do *«desafio de uma experiência séria de Deus e de uma paixão missionária, inovadora e profética»*. Outros sublinham como *«o desafio da nossa Congregação hoje é reforçar a espiritualidade e reencontrar a coragem missionária»*.

Por outro lado, a excessiva confiança em nós mesmos, nas estruturas e nos recursos disponíveis, parece que nos afastou da Realidade última, levando-nos a um ativismo exacerbado e a uma mentalidade meramente empresarial. É como se tivéssemos deixado que os novos ídolos (o bem-estar, o conforto, ou *«a armadilha do mero lucro econômico»*) penetrassem nossas realidades, impedindo a adoração do único Deus verdadeiro e enfraquecendo o sentido de nossa consagração religiosa.

Difunde-se, então, uma visão secularista da realidade que provoca, logicamente, a “mundanismo (ou relaxamento) espiritual” e

relações meramente funcionalistas. Este relaxamento espiritual e esta visão secularista da realidade não vêm sem consequências. Estas são, segundo a opinião de muitos Paulinos, as causas da maior parte dos problemas da comunidade e da perda do sentido da missão.

2. Comunhão e testemunho

Numerosas comunidades evidenciaram, em suas respostas ao 2º questionário, o problema da falta de testemunho, em grande parte ligado ao «*individualismo, à busca de interesses pessoais e até à luta pelo poder*». Muitos falam de autorreferencialidade que danifica a vida paulina nas várias esferas: comunitária, formativa e apostólica.

Para reforçar a vida espiritual emerge a necessidade de promover «*a cultura do encontro*», entendida como dedicação total, em comunhão com outros irmãos, que tem por finalidade a missão. Evidencia-se também a necessidade de uma «*obediência religiosa*» a que somente uma pessoa madura e purificada do egoísmo pode entender como «*a maior liberdade*» (UPS I, 254) e como «*a virtude que garante a vida inteira de um Instituto*» (UPS I, 523).

Essa falta da cultura do encontro (descrita por muitos membros como «*perda do sentido de comunidade*»), é vista como prova de infidelidade à vocação paulina, que muitas vezes se manifesta concretamente naqueles que Pe. Alberione chama «*os caracteres fechados e os parasitas, os quais em vez de puxar o carro estão a olhar quem se afadiga, os apáticos, os tépidos*» (UPS I, 256).

É urgente, enfim, promover, como fez o Fundador em seu tempo, o sentido de grupo, o compartilhamento de valores, o trabalho de equipe, o espírito de família e as outras virtudes relativas à sociabilidade e à comunhão das pessoas (UPS II, 192).

Para aprofundar

- *Quais ressonâncias a leitura atenta do texto suscitou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese a maior parte de nós se reconhece? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser integrados?*
- *Na leitura da realidade proposta pelo texto, segundo nosso entendimento, falta algum aspecto importante?*
- *Há algum elemento positivo que queremos evidenciar?*

INTERPRETAR à luz da fé

Esta segunda fase é dedicada ao discernimento, ou seja, a descobrir e compreender as razões profundas do que antes reconhecemos presente na realidade congregacional paulina, para chegar a escolhas correspondentes e coerentes. Deve-se ter presente que muitas vezes é difícil separar de modo nítido a realidade apresentada na parte “reconhecer” das causas que a originam, reportada na seção “interpretar”. Portanto, pode haver repetições. Ao mesmo tempo, as causas aqui individuadas não são vistas apenas no sentido negativo, mas também como expressão de um valor que é diminuído ou ofuscado e que se deseja recuperar para gerar vida nova.

3. Mundanismo espiritual e perda do sentido de consagração

«As obras de Deus são feitas com os homens de Deus» (Tiago Alberione, CISP, p. 210).

«É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e de seguir Jesus Cristo» (Papa Francisco, 21 de novembro de 2014).

«Há carência de testemunho e pouco enraizamento na espiritualidade paulina, dos quais derivam a maior parte dos problemas apostólicos, formativos e comunitários, além da perda do sentido da nossa missão em muitos coirmãos» (Primeiro desafio).

Estas três citações definem muito bem o que é o mundanismo espiritual e a perda do sentido da consagração. Os relevos que os coirmãos dão a respeito falam de «ignorância do espírito paulino», «pouco conhecimento da espiritualidade», «perda da paixão-dedicação pela missão», «relaxamento espiritual», «falta de relação profunda com

Deus». Frequentemente atribuem tudo isso a uma «*formação insuficiente*», a um «*conhecimento escasso da espiritualidade, da vida de consagração*», do carisma paulino.

Certamente a nossa espiritualidade, a consagração, o carisma paulino devem ser conhecidos, estudados, aprofundados. A partir do conhecimento deles começa e se reforça o amor a esses dons. Todavia, os coirmãos denunciam também uma insuficiente “*encarnação*” da espiritualidade paulina, do sentido da consagração e do carisma na vida pessoal dos Paulinos, em suas ações apostólicas, e nas relações. Que valores podem ter, então, uma espiritualidade, uma consagração e um carisma não encarnados? Tornam-se apenas palavras que enchem o ar, mas não sustentam e motivam o Paulino e a missão. Em primeiro lugar, é a nossa vida que deve falar, comunicar.

O exemplo do agricultor pode nos ajudar a compreender melhor. Ele cultiva a terra, cuida das plantas com amor, com dedicação, com constância, com sacrifício. Ao querer ser homens de Deus para fazer as obras de Deus, a ação de “*cultivar*” a nossa espiritualidade, a consagração e o carisma, a exemplo do agricultor bom, indica o caminho a ser empreendido para enamorar-se e fazer os outros se enamorarem pela vocação paulina.

4. Individualismo, falta da cultura do encontro e perda do sentido da comunidade

Poderemos culpar a sociedade de hoje se também em nossas comunidades predomina o individualismo, se perdemos o sentido da comunidade e o valor do encontro. Mas isso não nos ajuda a melhorar a qualidade de nossa vida paulina. De fato, «*vivemos no mundo, mas não somos do mundo*» (Jo 17,14). Para a escolha de vida a que fomos chamados, estamos empenhados a não nos conformar à mentalidade deste mundo (cf. Rm 12,3), «*sempre prontos a responder a todos que vos perguntarem pela razão da esperança que está em vocês*» (I Pd 3,15).

O individualismo atrai o narcisismo, o estar concentrado em si mesmo, em um projeto de vida particular. No fim de tudo isso, só há “esterilidade”, não se gera vida, não se geram sonhos, não se geram vocações, não se geram novos projetos. É preciso gerar vida dentro de nós e em torno de nós, unidos à Vida verdadeira que é o Cristo Senhor em comunhão com a vida dos irmãos.

A falta da cultura do encontro evidencia uma autorreferencialidade forte presente na vida pessoal e comunitária e na nossa obra apostólica e formativa, que muitas vezes faz considerarmo-nos superiores aos outros ou a pensar não precisar dos outros. Evidencia, do mesmo modo, o medo de sustentar e começar um confronto com os outros, devido provavelmente à pouca consistência cultural, profissional da própria personalidade, mas também à pouca consistência e imaturidade de uma vida espiritual e paulina desencarnada. Em outras palavras, o medo de “sair”. «*Não vos fecheis em vós mesmos*», nos pede em vez o Papa Francisco, «*não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando*» (*Carta Apostólica às pessoas consagradas na proclamação do Ano da Vida Consagrada*, 21 de novembro de 2014).

A causa da perda do sentido da vida comunitária pode ser encontrado de modo transversal nos elementos que evidenciamos e não depende de um só fator. Diz ainda o Papa Francisco: «*A comunhão é praticada, antes de mais nada, dentro das respectivas comunidades do Instituto*» (*Idem*). A comunidade deve ser vista como “lugar teológico” no qual construo meu caminho de santidade, me exercito nas virtudes, gero vida juntamente com os confrades.

Tudo o que foi dito até agora tem sentido e compreende-se somente se a nossa vida paulina é lida e vivida na dimensão que sempre caracterizou o testemunho da boa-nova: é o valor da profecia. «*Espero que “despertéis o mundo”*», nos solicita o Papa

Francisco, «porque a nota característica da vida consagrada é a profecia. O profeta recebe de Deus a capacidade de perscrutar a história em que vive e de interpretar os acontecimentos: é como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (cf. Is 21, 11-12). Conhece a Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e as injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores que não seja a Deus, não tem outros interesses além dos de Deus. Habitualmente o profeta está da parte dos pobres e indefesos, porque sabe que o próprio Deus está da parte deles. Deste modo espero que saibais, sem vos perder em vãs “utopias”, criar “outros lugares” onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco» (Idem).

5. Ativismo e mentalidade empresarialista*

O ativismo e a mentalidade empresarialista são perigos e desvios constantes dos quais nosso fundador se mantinha vigilante. Deveremos verificar-nos constantemente a respeito de sua presença e das causas que os geram. «O nosso apostolado», escrevia Pe. Alberione, «possui uma parte que parece aproximar-se da indústria (p. ex. gráfica) e possui uma parte que parece aproximar-se do comércio (livraria); em vez disso, tudo é meio para a pregação, como a caneta na mão do Doutor da Igreja. É preciso precaver-se, ainda que só externamente, de caracterizar-se com as formas comuns dos comerciantes ou industriais» (*Alma e corpo para o Evangelho*, p. 188).

Nosso Superior Geral também trata frequentemente, em suas cartas, deste tema. «Como é triste», escreveu em 2018, «a vida consagrada onde não há amor, não há gratuidade, não há a verdadeira comunicação, não há profecia, não há encontro! É natural que devamos

* N. T. Seria possível traduzir “*mentalità aziendalisticà*” por mentalidade empresarial, mas tal opção retiraria o “ismo”, sufixo que geralmente dá sentido de excesso. Assim, depois de ter percebido que o termo “empresarialismo” é usado em estudos em português, optei por ele.

confrontar-nos com o mercado e com as leis do comércio e da indústria; é evidente que devemos organizar bem as diversas áreas e setores de apostolado unificados em um projeto comum; é também necessário respeitarmos as funções e estarmos atentos às leis em matéria de trabalho etc. Mas é preciso, ao mesmo tempo, ter presente que todas essas coisas são na realidade os meios, nunca o fim, e a respeito disso nosso fundador já nos advertia. A história nos ensina que onde os critérios de mercado tomam o lugar do Evangelho – o conjunto de valores que abrange o amor, o serviço, a fraternidade, a misericórdia, a justiça, a paz... –, cedo ou tarde a ruína é certa». (Valdir José de Castro, *Apóstolos comunicadores: Por uma cultura do encontro*, 6 de maio de 2018).

Provavelmente falta uma correta distinção entre ser profissionais e ter uma mentalidade empresarialista. É evidente que devemos ser profissionais, organizados, sérios: profissionais da comunicação, *profissionais de Deus...* mas como a mentalidade evangélica, e não empresarial. Não significa ser amadores ou diletantes. Talvez seja oportuno não utilizar a palavra “profissionais”, que evoca a profissão (a nossa é uma vocação), e preferir o termo “especialistas”, que faz referência à experiência, ao testemunho de vida.

O ativismo, indicado por muitos como origem da fragmentação da vida de comunidade e do relaxamento espiritual, questiona a gestão ordinária do próprio tempo em base às prioridades que cada um estabelece na própria vida. A esse respeito, nos ajuda a leitura do capítulo 3 do Eclesiastes: «*Tudo tem seu momento, há um tempo para cada coisa sob o céu*».

A excessiva concentração de atividades deve ser considerada em suas justas dimensões e com parrésia, não generalizada. Diz respeito apenas a algumas pessoas. Nem todos os Paulinos, de fato, estão sobrecarregados de trabalho e de responsabilidade. Isso tem duplice aspecto: de uma parte há uma concentração de responsabilidade e de carga sobre algumas pessoas, com os riscos colaterais de saúde, de cansaço e de esgotamento; de outra parte há

falta de disponibilidade por parte de outros (sempre em crescimento), que não querem assumir responsabilidades a serviço das comunidades e do apostolado, e preferem permanecer “no estacionamento”. Então, com muita frequência o ativismo, que também é uma realidade a ser monitorada e sobre a qual intervir, é indicado *a priori* como doença, baseado em preconceitos e julgamentos, sem correspondência com a realidade. Torna-se frequentemente também um alibi para justificar a escassa participação na visita eucarística, na Missa e nas reuniões comunitárias.

Para aprofundar

- *Quais ressonâncias a leitura atenta do texto suscitou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese a maior parte de nós se reconhece? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser integrados?*
- *Na leitura da realidade proposta pelo texto, segundo nosso entendimento, falta algum aspecto importante?*

ESCOLHER: identificar escolhas futuras

Reportamos a seguir as propostas que na primeira fase do discernimento, realizado nas várias circunscrições, foram mais compartilhadas. Mantemos sua formulação original, ainda que o elenco possa resultar pouco homogêneo.

6. Vida espiritual e fontes carismáticas

- a) Pede-se recuperar as raízes da própria vida paulina mediante a Eucaristia e a escuta da Palavra de Deus, mediante a oração pessoal e comunitária.
- b) Sugere-se tornar o Centro de Espiritualidade, internacional e circunscricional, mais funcional, de modo que ajude a compreender sempre mais a nossa espiritualidade e o nosso carisma centrados em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, São Paulo e Maria Rainha dos Apóstolos, por meio dos escritos do Fundador e de outros documentos da Congregação.
- c) Propõe-se valorizar mais o ano do Curso do Carisma de Roma (e outras experiências análogas das circunscrições).
- d) Juntamente com os escritos do Fundador, sugere-se retornar a ler e estudar continuamente as cartas de São Paulo (e seus comentários) para adquirir sempre mais sua abertura mental e apostólica.

7. Vida comunitária e autoridade

- e) Pede-se que o Superior seja antes de tudo “animador” e não apenas administrador, promovendo espaços de diálogo e escuta fraterna em comunidade e individualmente. Seja modelo de vida religiosa e apostólica paulina, de modo a se tornar uma pessoa credível e com autoridade.
- f) Recomenda-se que a vida comunitária seja vivida sob a égide da harmonia e da comunhão fraterna. Os encontros comunitários formais e informais, nos quais cada um possa se sentir acolhido e aceito, devem ser promovidos. O irmão deve ser visto como dom, o respeito e a valorização do outro devem ser cultivados. («*Competi na estima mútua*»). Cada um se empenhe em ser artesão de comunhão.
- g) Sublinha-se a importância de ter um projeto comunitário de curto e de longo prazo, preparado por toda a comunidade, sob o qual confrontar-se regularmente também com o Governo circunscricional, verificando se a vida e o apostolado da comunidade correspondem ao nosso carisma.
- h) Exorta-se a renunciar às seguranças e aos privilégios adquiridos, que levam a uma vida pessoal cômoda, longe dos valores religiosos, e a contribuir, em sentido contrário, em tudo para a vida comunitária, vivendo «em contínua conversão» (Pe. Alberione).

8. Vocações

- i) Convida-se a reconhecer a situação de escassez vocacional como problema da Congregação em âmbito mundial, ainda que segundo alguns se deveria falar mais de escassez de estratégias, de determinação nesse campo. É preciso empenho constante pelas vocações, durante o ano todo e com todos os meios, e sobretudo intensificar a oração.
- j) É preciso inserir-se mais visivelmente no povo de Deus e nas atividades pastorais vocacionais das Igrejas locais. A Pastoral

Vocacional deve ser promovida também mediante nossas obras apostólicas, apresentando nossa identidade carismática a serviço da sociedade e da Igreja.

- k) Pede-se promover em cada Paulino uma consciência vocacional. Cada Paulino deve apreciar e amar a própria vocação, para testemunhá-la e propô-la com alegria, fora e dentro da comunidade. É preciso haver comunidades mais alegres e fraternas, de modo que os jovens possam dizer: «Desejamos ir com vocês, pois ouvimos dizer que Deus está com vocês» (Zc 8,24).
- l) Pede-se motivar e integrar os Institutos Agregados e os Cooperadores na Pastoral Vocacional da Família Paulina.
- m) Aconselha-se a habitar os territórios e lugares onde os jovens se encontram (com um projeto *ad hoc*). Entre as novas estratégias vocacionais poder-se-ia iniciar um centro juvenil digital e organizar um modelo de voluntariado com dois objetivos: sustentar a missão paulina e ser fonte para cultivar novas vocações.

9. Envelhecimento

- n) Pede-se apreciar e valorizar os anciãos por seu testemunho apostólico, fazendo-os sentir-se participantes das ações da comunidade, valorizando-os também nos serviços mais simples e ajudando-os a redescobrir o apostolado da oração e do sofrimento.
- o) O envelhecimento é um desafio a ser enfrentado com um projeto específico: recursos humanos, reorganização das comunidades, recursos materiais.
- p) Recomenda-se que cada circunscrição prepare um protocolo para ajudar a envelhecer “bem”, dando indicações práticas para a saúde física e espiritual (uma espécie de etiqueta de saúde).

- q) Recordar-se que poderia ser útil aprofundar-se na psicologia do ancião mediante cursos formativos. Sugere-se programar um plano comunitário de pastoral da saúde, prevendo encontros com geriatras, nutricionistas etc.
- r) Na medida do possível recomenda-se que os anciãos vivam nas comunidades ativas, enquanto presença que inspira os jovens e toda a comunidade. É importante a integração entre as gerações: todos aprendem e todos tem alguma coisa a ensinar, tanto os jovens quanto os anciãos.

Para aprofundar:

Depois de ter visto as propostas apresentadas no 2º questionário em preparação ao Capítulo geral, somos chamados agora a especificar as grandes escolhas para o próximo sexênio. Quais podemos realisticamente realizar para enfrentar os desafios que emergiram em âmbito geral e circunscricional? Quais propostas se acrescentariam?

Segundo núcleo

*...para anunciar profeticamente
a alegria do Evangelho
na cultura da comunicação.*

**O PAULINO EM MISSÃO:
FORMAÇÃO INTEGRAL
PARA A MISSÃO**

RECONHECER nossa situação

10. Formação para a missão

Neste núcleo emerge a necessidade para nossa Congregação de superar a dicotomia entre *Formação* e *Missão*, juntamente com a pesquisa urgente do antídoto contra o risco de uma personalidade e de um apostolado incompletos. Em outras palavras, evidencia-se a falta de uma formação paulina integral, entendida como o desenvolvimento e a maturação da nossa pessoa sob a base do Cristo integral: Caminho, Verdade e Vida, que envolve o homem todo: mente, vontade, coração (cf. *Gl* 2,20; 4,19).

A este propósito, o 2º *Seminário Internacional dos Editores Paulinos* (2017) e o 2º *Seminário Internacional sobre a Formação para a Missão* (2019) sublinham a necessidade de apostar na formação integral paulina, inicial e contínua, a fim de favorecer mudança de mentalidade e instaurar um diálogo fecundo com o mundo de hoje.

Quais são os elementos que põem essa necessidade em evidência? Uma visão panorâmica dos resultados do 2º questionário mostra uma *forte pobreza cultural, intelectual e profissional* (ciência, língua e técnica, segundo as palavras de Alberione, *UPS II*, 193) e a necessidade de preparação e competências específicas em atualização constante, para responder eficazmente aos desafios do mundo de hoje, que aparece sempre mais como uma “vila global”.

Esta preocupação atual não é uma novidade. O Primeiro Mestre, a partir da espiritualidade de São Paulo, exortou seus filhos a se dedicarem aos quatro campos (*espiritualidade, estudo, atividade apostólica, pobreza*) que levam à assimilação do Cristo total para responder de modo adequado à nossa missão. Trata-se de uma formação unitária, que compreende a vida humana, religiosa e apostólica, de modo a alcançar o homem perfeito em Cristo, ou

seja, chegar à meta da santidade. Empenho formativo que nunca termina (cf. *Const. e Dir.* art. 156).

O envelhecimento de nossos irmãos, as saídas constantes da Congregação e a falta de vocações tornam ainda mais urgente reforçar a formação integral. Um grande número de Paulinos sublinha a «escassez de modelos de vida paulina» e o fato que «nosso estilo de vida não atrai as novas gerações». Tudo isso nos impele a reconsiderar o nosso modo de viver em comunidade e de fazer apostolado como *Editores paulinos*⁴. A imagem do artesão pode nos iluminar: a formação, de fato, é como uma atividade artesanal, requer trabalho exigente e contínuo, e pode dar resultados esplêndidos, gerando verdadeiras obras de arte.

11. Na raiz do nosso carisma

Estreitamente conexa com a necessidade de uma Formação integral há a urgência, sublinhada pela maioria dos coirmãos – especialmente das novas gerações – de garantir uma plena *fidelidade criativa* ao carisma paulino, em sintonia com as mudanças sociais, culturais, comunicativas e eclesiais. Não se trata de abandonar os *media* tradicionais, mas de abraçar de modo decisivo todas as variantes da comunicação atual (particularmente aquelas oferecidas pelo mundo digital), com uma nova mentalidade, mais aberta e universal, que nos leve a reconsiderar as nossas estruturas e nos ajude a superar o medo e a autorreferencialidade que nos impedem de ser uma Congregação “em saída”.

⁴ «*Todo Paulino, por vocação específica, é “editor”. Este é o ‘objetivo único’ – diria Pe. Alberione – de sua vida e de sua ação, de sua vocação e missão. O Paulino é um homem chamado por Cristo e consagrado para ser apóstolo da comunicação, para ser essencialmente um editor, aquele que dá forma a uma experiência, que escreve ou traduz a sua vida pessoal e comunitária de fé e de encontro com Cristo em palavras, textos, imagens, sons, vídeo, byte ou em qualquer outra forma que a técnica pouco a pouco desenvolve; mas também em experiências e iniciativas onde toda linguagem está a serviço da enculturação do Evangelho com e na comunicação. Aquele que, a exemplo de Maria, dá (edit) o Salvador ao mundo». (Linhas editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino, 2018, n. 1.2). Para um aprofundamento ulterior, ver também: *O Editor paulino. Artesão de comunhão em um mundo conexo*. Carta Anual do Superior geral, 2021.*

Para fazer isso, é necessário «*deixar-nos transformar renovando o nosso modo de pensar*» (Rm 12,2), ou seja, viver uma forte assimilação a Cristo, que nos impulse a uma sensibilidade pastoral renovada, de modo que o encontro com o Senhor seja uma experiência acessível em todas as formas de comunicação de todos os tempos. De outra forma, não há perspectivas de renovação do apostolado, faltam criatividade e entusiasmo para encarar novos processos (cf. *Evangelii gaudium*, 222), dando mais espaço aos jovens.

Com paciência e prestando atenção a todos os irmãos, a Congregação deve procurar o justo equilíbrio de trabalho apostólico segundo a metodologia organizativa, em particular no organograma e no manual de atribuições (descrição detalhada da função de cada um). Ao lado dessa preocupação, põe-se a grande e constante pergunta sobre como e o que fazer para cuidar seja de nossos interlocutores como também daqueles que colaboram com nossa missão (colaboradores leigos). É sabido que o grau de atenção na escuta de nossos interlocutores influi no resultado de nossa missão, mas igualmente são importantes a escuta, a atenção e a formação de nossos colaboradores leigos, que devem ser percebidos não como um apêndice, mas como um dom no exercício do apostolado porque participam do nosso carisma, graças à sua competência e à pertença à Igreja.

Para aprofundar:

- *Quais as ressonâncias que a leitura do texto provocou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese mais nos reconhecemos? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser mais integrados?*
- *Segundo nosso parecer, falta algum ponto importante na leitura da realidade proposta pelo texto?*
- *Há algum elemento positivo que desejamos evidenciar?*

INTERPRETAR à luz da fé

12. Carência na formação integral: pobreza cultural, intelectual e profissional

Durante o 2º *Seminário Internacional sobre a Formação Paulina para a Missão* (2019) emergiu de modo evidente a necessidade de mudança radical nos nossos itinerários formativos, para poder afrontar as diversas exigências trazidas pela “mudança epocal que estamos vivendo e que influenciaram de modo profundo a sociedade, a Igreja, o mundo da comunicação. O Superior Geral, pe. Valdir José de Castro, já na abertura do Seminário nos recordava que *«a formação integral é um desafio para cada paulino, uma tarefa que deve acompanhá-lo por toda a vida. É um processo que envolve a experiência de Jesus, o equilíbrio entre suas faculdades (mente, vontade, sentimentos...) e as quatro rodas do carro paulino, as relações com os outros e com a criação. É um caminho que compreende a dimensão humana e cristã da vida consagrada, do apostolado, ecológica... Nós dizemos “formação integral”, mas insistimos: de cor paulina»*.

A partir das respostas ao 2º questionário constatamos que temos ainda um longo caminho a cumprir neste campo: provavelmente as conclusões do próprio Seminário não chegaram ainda à base, a cada comunidade. A Congregação sofre de uma pobreza cultural, intelectual e profissional, fruto de uma formação inadequada ou inexistente: em alguns casos porque não foi oferecida, mas em tantos outros porque os membros não cultivam a “estudiosidade”, ou seja, não demonstram predisposição ou motivação para aprender coisas novas, ou seja, para atualizar-se. Uma circunscrição bem lembrou que *«cultivar é dar cuidado e tempo constante como a ação do agricultor ou do artesão, é cultivar para enraizar, fazer crescer; não é uma simples ação intelectual»*. Neste

sentido é uma ação contínua e exigente. Muitos membros, ao invés, sentem-se já “especialistas” no próprio campo e por isso não veem a necessidade de atualizar-se continuamente.

Muitas circunscrições repetem que *é importante ter formadores preparados, enamorados por Deus e pelo apostolado paulino, porque a primeira formação é o exemplo de vida*», mas nem todos são conscientes que o formador sozinho não é suficiente. Como diz um provérbio africano *«Para criar uma criança é necessária uma aldeia inteira»*. A comunidade, no processo formativo, tem um papel central que não deve ser esquecido ou negligenciado. Se nossas comunidades não são estáveis, serenas, alegres, lugar de testemunho etc., é inútil criticar os formadores.

Se desejamos verdadeiramente *«anunciar profeticamente a alegria do Evangelho na cultura da comunicação»*, devemos promover uma formação do futuro editor paulino que plasme pessoas responsáveis, capazes de fazer escolhas, das menores às maiores, *«porque a vida é um tempo vivido entre uma escolha e outra»*, como sublinha uma circunscrição. A formação deve ser integral e séria, recordando que a formação integral que leva a viver o Cristo total, é a que faz do Paulino uma pessoa forte nos valores humanos, imerso na cultura em que vive, com grande maturidade na fé, com identidade carismática clara, com mente aberta, sensível às necessidades da sociedade e capaz de trabalhar em equipe. A formação deve ser vista como um processo contínuo que mantém a pessoa, a comunidade e a Congregação em movimento.

13. Dicotomia entre formação e missão

Um segundo tema que emergiu de modo evidente nas respostas ao questionário é a dicotomia entre formação e missão. Por parte dos jovens existe um pedido sempre mais forte de serem envolvidos plenamente no apostolado. Ao mesmo tempo, alguns membros mais idosos manifestam certa relutância em confiar certos papéis aos jovens, pois consideram que não estejam ainda preparados e devem ser melhor formados.

Especificamente a respeito da conexão indispensável entre formação e apostolado, é válido fazer memória do livro *O Apostolado das edições* que, na sua edição de 1944, foi apresentado como um “manual diretivo de formação e de apostolado”. Dentre outras orientações, esta obra de Pe. Alberione procurava ajudar os Paulinos e as Paulinas a aprofundar o significado de “apóstolo” e de “apostolado” no horizonte do carisma paulino, e apresentava algumas exigências imprescindíveis para responder em plenitude à vocação apostólica, dentre as quais, “sentir com Jesus Cristo; sentir com a Igreja; sentir com São Paulo”. No discurso de abertura do 2º *Seminário Internacional sobre a Formação Paulina para a Missão*, Pe. Valdir José de Castro recordava que «na nossa Congregação a formação é sempre em vista de responder a nossa vocação apostólica, que não é outra coisa que evangelizar, tarefa essencial da mesma vida da Igreja. [...] O nosso desafio é nos preparar do melhor modo possível para nossa missão de modo que a evangelização se torna verdadeira comunicação que ilumine o mundo, o modo de relacionar-se com Deus, as relações entre as pessoas e com o ambiente e, enfim, que suscite valores fundamentais para os homens e as mulheres de hoje».

O XI Capítulo geral deveria levar seriamente em consideração a discussão a respeito dessa dicotomia, que segundo algumas circunscrições é fruto da falta de diálogo entre os responsáveis pela formação e pelo apostolado. Alguns evidenciam que «não soubemos conectar os projetos formativos e apostólicos de modo que nossa vida religiosa seja permeada de espírito apostólico e toda a atividade apostólica seja animada pelo espírito religioso. Em outras palavras, devemos integrar o projeto formativo no projeto apostólico na famosa fórmula que sintetiza o duplo requisito da Vida Consagrada: seja ativo na contemplação e contemplativo na ação». Em muitas circunscrições o Iter Formativo não se mantém atualizado suficientemente. Muitas vezes, é um documento muito conceitual, escrito apenas para respeitar uma formalidade canônica a ser apresentada ao Governo Geral, enquanto faltam a aplicação e a avaliação.

A comunicação atual, tornada verdadeira e própria cultura, nos oferece muitas possibilidades e mostra como a proposta de Pe.

Alberione é sempre urgente e atual. Contudo, por causa da falta de conexão entre a formação paulina e a missão, segundo alguns, às vezes formamos apenas administradores sem o sentido de consagração ou religiosos clericalizados que não entendem o sentido do paulino consagrado para uma missão específica. Outras circunscrições sublinham que falta a preparação e a formação para responder aos desafios da sociedade atual (*interlocutores*), assim como para desenvolver e gerir novas formas de apostolado que vão além da imprensa. Falta preparação credível para o anúncio da Palavra em uma sociedade secularizada, descristianizada e multicultural.

«É preciso voltar a nos confrontar com os modelos que viveram e comunicaram o Evangelho eficazmente: São Paulo e Alberione. É olhando para eles que formamos em nós uma mentalidade cristã-paulina, que nos permite superar a dicotomia entre vida espiritual e apostólica», destaca uma circunscrição. *«Talvez tenhamos necessidade, no lter formativo»,* acrescentam, *«de algumas linhas-guia práticas para tornar nosso relacionamento com São Paulo mais vivo e fecundo. O Bem-aventurado Tiago Alberione no-lo apresenta como o verdadeiro fundador e reconhece como seus os seguintes papéis: é pai, professor, modelo e protetor».* São Paulo é um verdadeiro e próprio artesão de comunhão e de comunicação e pode nos iluminar neste caminho.

Antes de tudo devemos promover uma configuração plena com Jesus Cristo e depois uma identidade plena baseada na comunicação como cultura, para poder ler os cenários interiores dos nossos interlocutores e lhes fornecer um serviço eficaz de evangelização. A formação paulina deve ser sempre “para a missão”, o que implica ter muito clara qual é a nossa missão “hoje”.

14. Perda da paixão pela missão, medo da mudança, inadequação às novas linguagens da comunicação

Uma circunscrição evidenciou que *«a dicotomia entre formação e missão se deve, em grande parte, à ideia que a atualização do carisma paulino se resolve simplesmente introduzindo a tecnologia inventada mais*

recentemente no campo da comunicação nos programas de formação ou nas atividades apostólicas. Antes de tudo, devemos recordar que a atualização do carisma não se limita à atualização do carisma, mas antes de tudo à atualização de nossa mentalidade e de nossas disposições, a fim de poder operar nos novos contextos da comunicação». Esta exortação nos ajuda a compreender o terceiro tema evidenciado neste núcleo: a perda da paixão pela missão, intimamente coligada ao medo de mudança (da inovação), à dificuldade de adequar-se às novas linguagens da comunicação (somos apenas grandes consumidores de tecnologia) e à pouca coragem de arriscar (sair da zona de conforto).

Se, como já visto, muitos Paulinos são formados para ser administradores ou simples “capelães”, evidentemente falta o espírito carismático e empreendedor que caracterizou o Fundador e as primeiras gerações. O profissionalismo assumido nas últimas décadas se tornou burocracia e prendeu a criatividade e a inovação das nossas estruturas apostólicas. O autoritarismo tomou o lugar da autoridade, a economia (*comércio*) suplantou a missão. Como consequência, assistimos à difusa perda da paixão pelo apostolado, compreensível quando deixamos de lado o ser religiosos para tornar-nos gestores-dirigentes. A alegria da consagração e da missão desaparece, e juntamente com ela desaparecem a audácia e a dimensão profética de nossa missão.

Neste cenário, alguns inserem também a pouca capacidade de sacrifício, a dificuldade de colocar-se à disposição para aquilo de que a Congregação tem necessidade. A renovação do apostolado não pode acontecer a não ser mediante a transformação pessoal e a renovação do modo de pensar, como propõe o trecho paulino escolhido como tema do próximo Capítulo geral (cf. *Rm 12,2*). É necessário superar a mentalidade autorreferencial que nos prende no passado. Uma circunscrição nos recorda que «a renovação do apostolado nasce de cada religioso que vive em contínua conversão, cada paulino que se abre à intuição carismática do Fundador; isso implica em morrer ao ego pessoal, consolidar o trabalho em equipe e ser criativos ao desenvolver o serviço que a Igreja nos pede». Isso vai além da idade

física e é por isso que o envelhecimento enfatizado em diversas respostas não deve impedir a transformação de mente e de prática.

O medo de mudança nos leva a estar ligados ao que nos dá segurança, ou seja, à imprensa, aos livros e aos periódicos, que (ainda) são rentáveis. Entre as causas que dificultam a renovação do nosso apostolado está a visão apostólica instrumental que nos impede de compreender as lógicas atuais da comunicação, que estão mais ligadas à mentalidade e à cultura, como está expresso nas *Linhas editoriais* (2018) da Congregação.

Outra causa apontada em diversas circunscrições é a incapacidade de sair da zona de conforto, de superar a comodidade, de vencer a apatia: *«Não se quer cansar»* respondeu uma circunscrição, *«fazemos o mínimo necessário»*. Esta atitude seguramente está ligada às questões emersas no primeiro núcleo deste documento, sobretudo no individualismo e na falta de zelo e entusiasmo apostólico, concentrados no lucro econômico. É preciso recordar, porém, esta reflexão feita em outra circunscrição: *«O fechamento em si mesmo determina fazer as coisas que sempre são feitas. O medo de abrir-se, de sair, de confrontar-se, de dialogar com os outros, com o externo, leva a um isolamento pré-agônico. Todos esses medos são determinados pela pouca consistência da pessoa sob o aspecto intelectual, espiritual, relacional»*. Outra circunscrição afirma: *«Nem sempre cultivamos a comunhão ou o desejo de sustentar novas formas de apostolado, pois em muitas ocasiões são as críticas e a falta de amor fraterno que paralisam estas iniciativas. Em outros casos, são as lutas internas pelo poder que sufocam estas novas expressões de apostolado»*.

Todavia, das respostas ao questionário se podem recolher também diversos elementos positivos, conscientes que temos grandes recursos para manter o apostolado dinâmico e criativo: uma espiritualidade bem radicada, que encontra em São Paulo um modelo de referência, livre de divagações ou devocionismos; um carisma que vê na colaboração com os leigos um estilo vencedor e que encontra na Família Paulina um lugar único de confrontação e

de comunhão, onde as diversas sensibilidades se tornam fonte de riqueza; estamos circundados pela indubitável profissionalidade leiga em diversos campos; uma história que, em seus diversos eventos, também nos deu também certa experiência da qual aprender e sobre que refletir; circunscrições com uma vitalidade vocacional clara. Devemos valorizar mais esses elementos e procurar *«não ser apenas multiplicadores de texto, mas criadores dinâmicos de conteúdo e de sentido a ser oferecido aos especialistas das novas tecnologias de comunicação para os homens e as mulheres de hoje»*.

A partir de nossa herança carismática, a todos os Paulinos se pede estar atentos aos sinais dos tempos para permanecer em dia com a cultura da comunicação. Isso requer profunda reflexão a respeito das diversidades culturais e formativas, para trabalhar juntos em âmbito de Congregação, de Família Paulina e de Igreja.

Para aprofundar:

- *Quais as ressonâncias que a leitura do texto provocou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese mais nos reconhecemos? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser mais integrados?*
- *Segundo nosso parecer, falta algum ponto importante na leitura da realidade?*
- *Posto que nosso carisma já é patrimônio eclesial, quem somos chamados a ser na Igreja?*

ESCOLHER: identificar escolhas futuras

Reportamos abaixo as propostas que na primeira fase do discernimento, desenvolvida nas várias circunscrições, foram mais compartilhadas. Mantemos sua formulação originária, mesmo que o elenco pudesse resultar pouco homogêneo.

15. Formação e formadores

- a) Recomenda-se que a formação seja sólida em todos os aspectos: humano, intelectual, espiritual, apostólico. A formação seja integral, de *cor paulina*, carro apoiado em 4 rodas que vão em frente em sinergia.
- b) A formação deve considerar o tempo em que vivemos: os jovens mudaram. É preciso, portanto, mudança no processo formativo, segundo os tempos, mantendo os elementos essenciais já presentes no itinerário formativo e na *Ratio Formationis*.
- c) Propõe-se orientar a formação mormente sobre a herança carismática e espiritual do Fundador, com pessoal competente. É necessário promover o acompanhamento contínuo e qualitativo na formação dos jovens; formar o paulino sobretudo como uma pessoa consagrada para uma missão; formar os jovens como Paulinos “consagrados-missionários” na dúplice expressão sacerdote-discípulo.
- d) Aconselha-se a continuar a formação internacional como o noviciado e a preparação para a profissão perpétua na Itália, para adquirir o sentido da missão paulina em sua universalidade e multiculturalidade. Deve-se, pois, promover o intercâmbio de estudantes entre as circunscrições em vista de novas experiências acadêmicas e apostólicas.

- e) Sugere-se que os formadores sejam preparados adequadamente mediante programas humano-psicológicos, espirituais, carismáticos e apostólicos. É bom que frequentem o Curso do Carisma. O formador deve ajudar a fazer emergir as qualidades ou os talentos dos jovens, ajudando-os a desenvolvê-los em plenitude, ensinando-os que *«todo talento está em vista do serviço»*.

16. Formação e missão

- f) Pede-se que o percurso de envolvimento de todos os Paulinos no trabalho apostólico se faça mediante a recuperação da pedagogia paulina de *«formar-se para a missão»*, desenvolvendo a capacidade de trabalho em equipe, de visão, de capacidade de execução e criatividade que possam renovar todas as atividades apostólicas.
- g) Aconselha-se harmonizar o projeto formativo com o projeto apostólico, seguindo as indicações do *Serviço da autoridade – Manual* e as orientações dos últimos *Seminários dos Editores Paulinos* (2017) e sobre *Formação* (2019).
- h) Aconselha-se permitir aos jovens assumir gradualmente as responsabilidades apostólicas, de modo que possam aprender e assimilar o funcionamento das tarefas apostólicas que deverão assumir com responsabilidade no futuro.
- i) Uma das constatações que emergiram do 2º *Seminário Internacional dos Editores Paulinos* (2017) é que nossas estruturas não são adequadas às verdadeiras exigências do contexto sociocomunicativo atual. É importante, então, atualizarmo-nos não apenas a respeito das inovações tecnológicas e instrumentais, mas sobretudo a respeito dos conceitos e das novas formas de comunicar, que determinam a ecologia comunicativa e o mundo editorial atual (*cf. Linee editoriali* 2.1).

17. Apostolado, comunicação e digital

- j) Propõe-se criar um projeto que leve todos os Paulinos não apenas a aprender (ou ensinar) a *usar* os instrumentos de comunicação social (particularmente os digitais), mas a *viver* em uma cultura amplamente digitalizada, que influencia profundamente o estilo de vida e nossa percepção da realidade.
- k) Convida-se a ter coragem de iniciar novos percursos, confiando-os aos jovens *nativos digitais* que o Senhor nos manda. Criar equipe de jovens paulinos fãs das redes sociais para que explorem novas modalidades de apostolado (*ad experimentum*).
- l) Recomenda-se reforçar os *Centros Paulinos de Estudo em Comunicação* e de promover maior colaboração e ligação entre eles.
- m) Convida-se a explorar novas formas de apostolado – ousar não apenas no digital, mas no campo formativo, cultural, diocesano (escritórios de comunicação) etc. – redescobrimo a audácia, a criatividade e a dimensão profética do Fundador.
- n) Exorta-se a não limitar-se ao instrumento “empresa” centralizada, mas iniciar também projetos direcionados a pequenos grupos (comunidades com projetos apostólicos específicos no território).
- o) Recomenda-se a rotatividade das responsabilidades apostólicas, necessárias para fazer as novas gerações crescerem e dar-lhes confiança.
- p) É importante criar um organismo para a pesquisa (*Observatório*) em cada circunscrição (e em nível internacional) para conhecer a sociedade e saber como mover-nos em nosso apostolado, que está sempre em mutação e necessitado de atualização contínua.

- q) Vê-se a necessidade de dar vida a iniciativas apostólicas direcionadas explicitamente ao mundo juvenil, grande ausente nas nossas programações apostólicas. Esta é também uma premissa indispensável para sermos conhecidos pelos jovens em perspectiva de proposta vocacional.

Para aprofundar:

Depois de ter visto as propostas apresentadas no 2º questionário em preparação ao Capítulo geral, somos chamados agora a identificar as grandes escolhas para o próximo sexênio. Quais delas podemos cumprir realisticamente para enfrentar os desafios emersos em âmbito geral e circunscricional? Quais propostas poderiam ser acrescentadas?

Terceiro núcleo

...ser artesãos de comunhão...

UMA CONGREGAÇÃO SINODAL

RECONHECER nossa situação

18. O grande desafio da Igreja e da Congregação

Um terceiro e último núcleo de análise diz respeito ao tema da *sinodalidade*. Ainda que a Congregação se sinta desafiada por vários fenômenos atuais, seja interna ou externamente, sente também a obrigação de descobrir o percurso mediante o qual o Espírito nos conduz nesta *nova era*. E o percurso que a Igreja especificou é a sinodalidade, ou seja, caminhar juntos, e Papa Francisco é um de seus promotores. Esta metodologia foi aplicada nos últimos sínodos (sobre os *Jovens* e para a *Amazônia*), mas será o tema específico do próximo, que ocorrerá em 2022.

O tema foi assumido pelo Superior Geral, pe. Valdir José de Castro, que na sua carta anual aos confrades da Sociedade de São Paulo assim se exprime: *«Grande desafio para nossa Congregação é transformar a sinodalidade em método de oração, de pensamento, de programação e de realização comum, para fazer chegar com eficácia a nossa mensagem aos nossos interlocutores. [...] Somos chamados a viver a unidade, mesmo na diversidade de dons, em vista da missão de evangelizar na cultura da comunicação»*.

O tema da sinodalidade ainda deve ser aprofundado na comunidade eclesial, e também em nossas comunidades paulinas, mas deve nos impulsionar a assumir desde já um estilo de vida que valorize cada pessoa, que motive cada um a se sentir verdadeiramente parte de um “corpo”, que encoraje a corresponsabilidade e torne todos verdadeiramente participantes da vida e da missão que o Senhor nos deu como Congregação.

À margem das respostas do 2º questionário, vale a pena perguntar-se: qual é a sensibilidade a respeito do tema da

sinodalidade presente entre os Paulinos, entre os nossos colaboradores leigos, os Institutos agregados e a associação dos Cooperadores? Quais observações podemos fazer em vista do caminho futuro de nossa Congregação? O primeiro elemento a ser considerado é certa ignorância a respeito do conceito de *sinodalidade* na visão da Igreja. Mesmo se muitos têm uma ideia correta, muitas vezes falta o conhecimento dos processos e do alcance deste maravilhoso *jeito de ser Igreja* e, ao mesmo tempo, um verdadeiro esforço de fidelidade de nossa parte para estar em sintonia com o processo que a comunidade eclesial inteira empreendeu.

19. A sinodalidade aplicada/encarnada

Antes de tudo concentremo-nos em alguns elementos que nos ajudam a compreender onde estamos no processo rumo a uma Congregação *sinodal*: a) o trabalho em equipe, b) a relação “Paulinos-leigos”, c) a Família Paulina, d) o exercício da autoridade como elemento chave para favorecer a comunhão.

a) **O trabalho em equipe:** quando falamos de sinodalidade queremos dizer *caminhar juntos*, sim, mas em vista de quê? O objetivo principal deve ser a missão. Porque a nossa comunhão, o nosso *caminho na unidade* é essencialmente orientado para a missão de evangelizar. Disso depende a nossa identidade mais profunda. A esse respeito, é preciso admitir que entre os Paulinos há uma nítida propensão à atividade solista, a projetos isolados, ao medo de criar laços. E isso vale tanto para a formação quanto para o apostolado (e nas relações entre os setores). As razões podem ser muitas. Mas não devemos nos esquecer que a evangelização nunca é um ato individual e isolado para ninguém, mas um ato profundamente eclesial ou um trabalho em equipe. Todavia, nós Paulinos parecemos indiferentes a isso e não somos muito determinados a unir forças para desenvolver a nossa missão de evangelizar com as linguagens atuais no complexo universo das comunicações.

Não se deve esquecer a visível autorreferencialidade ou a acentuada ação isolada dos Paulinos no que diz respeito às instituições e aos organismos eclesiais (e não só), ou seja, a respeito do «*caminhar juntamente com as Igrejas locais*». Este é um sinal claro da urgência de consolidar uma organização mais participativa.

b) **O relacionamento “paulinos-leigos”**: se se detecta uma tendência à falta de união entre os confrades paulinos, sobretudo no que diz respeito ao apostolado, ainda mais aparece a fragilidade no relacionamento com os leigos. Falamos de uma colaboração que não se limita ao funcionalismo, mas a um processo que lhes consente sentirem-se parte do carisma e da missão paulina. A esse propósito, como já se disse na seção a respeito da formação, sente-se a necessidade de uma catequese (*evangélica, eclesial, carismática*) de nossos colaboradores leigos, além de um programa que promova sua formação contínua (cf. *Esquema para desenvolver o “Plano de formação para Paulinos e Colaboradores”* proposto pelo CTIA).

c) **A Família Paulina**: quando falamos de *caminho sinodal* referimo-nos sobretudo a caminhar juntos como Povo de Deus. Somos Igreja e, como Congregação, somos chamados a promover a participação, a corresponsabilidade em vista da evangelização, que inicia em cada comunidade. Mas caminhar com a Igreja, sobre as pegadas de nosso Fundador, significa também caminhar como Família, com as outras congregações e Institutos.

Deve-se notar que nas respostas ao 2º questionário emerge uma clara necessidade de unidade como Família Paulina. Unidade entendida não tanto como “camaradagem”, mas sobretudo como laços de família, que são uma riqueza para cada um, sobretudo nos projetos missionários comuns. É urgente, portanto, que no plano de Família Paulina a colaboração fraterna seja sempre mais cultivada para corresponder à vocação comum.

Uma atenção importante deve ser posta na função de *altriz* da Sociedade de São Paulo, pois esse “caráter” da Congregação será um elemento constitutivo para caminhar juntos e ser testemunhas credíveis do Evangelho, sinais proféticos nesta mudança de época.

f) **Formação para o exercício da autoridade:** a figura eminente do apóstolo Paulo, a nossa primeira referência enquanto Paulinos no seguimento de Jesus, ajuda-nos a descobrir a importância da autoridade em nossas comunidades, pois esta favorece (ou prejudica) a comunicação fecunda e necessária para construir o caminho sinodal.

Em algumas respostas ao questionário se evidencia a falta de clareza dos papéis e das funções em muitos membros da Congregação. É evidente a necessidade de conhecimento, aplicação (e em muitos casos de adaptação) do *Serviço da autoridade – Manual*, assim como das disposições estabelecidas pelas Constituições.

Resumindo: a formação para o serviço da autoridade é necessária. Mas uma autoridade entendida não como um *privilegio de poder*, mas como serviço, assim como afirmam o Evangelho e o carisma congregacional. Além disso, é de máxima importância reconhecer a falta de uma formação (em todos os níveis) no exercício da autoridade, um fator determinante no funcionamento das nossas estruturas, hoje e no futuro próximo.

Para aprofundar

- *Quais ressonâncias a leitura atenta do texto suscitou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese a maior parte de nós se reconhece? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser integrados?*
- *Na leitura da realidade proposta pelo texto, segundo nosso entendimento, falta algum aspecto importante?*
- *Há algum elemento positivo que queremos evidenciar?*

INTERPRETAR à luz da fé

20. A sinodalidade: mentalidade a assumir

Em sintonia com o caminho da Igreja e o magistério do Papa Francisco, emergiu fortemente nas respostas ao questionário o desejo de assumir a sinodalidade *«como estilo ordinário na vida comunitária e apostólica, na colaboração entre as circunscrições e no interior delas, nas relações com a Família Paulina, para superar a autorreferencialidade e ser uma Congregação “em saída”»*.

De grande ajuda para nossa reflexão e preparação para o XI Capítulo geral é a Carta Anual do Superior Geral: *Uma “Congregação sinodal” a serviço do Evangelho na Cultura da Comunicação* (2020) e a *Declaração da Comissão teológica internacional* com o título *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2 de março de 2018). Recomendamos vivamente a leitura pessoal e comunitária desses documentos.

Partindo desses pressupostos será mais fácil compreender a sinodalidade em nossa Congregação, uma mentalidade a ser assumida por parte de todos e que desenvolva conceitos como escuta, diálogo, confronto, discernimento, humildade, amor, empenho pessoal, dedicação, colaboração, capacidade de “sair” e de trabalhar em rede, comunhão com a Igreja universal e local, com a Família Paulina etc.

Nossos modelos nesse processo são Jesus Mestre e São Paulo; entretanto, como expressou claramente uma circunscrição, *«para que a sinodalidade se torne estilo em cada um de nós, atitude mental difusa nas comunidades e obras apostólicas, é preciso conversão contínua do próprio eu e se constitui gradualmente juntos, com gestos e ações*

concretas e cotidianas realizadas na busca do bem comum, sob a guia do Espírito Santo que nos plasma como artesãos de comunhão».

Nossa Congregação quer, portanto, pôr-se em sintonia com o caminho eclesial atual, enxergando nele uma grande luz para sanar e curar as muitas situações e dinâmicas que se vivem em nossas comunidades e estruturas apostólicas. A sinodalidade deve se tornar um estilo, em todas as nossas realidades, de relação a todos os níveis: na comunidade, na formação, na Família Paulina, no relacionamento com os leigos, com a Igreja local etc.

21. Trabalho em equipe

No coração do conceito de sinodalidade está a colaboração, trabalhar juntos. Ter destacado as situações de individualismo é um convite a garantir não só que as situações de fechamento sejam superadas, mas que os círculos restritos se abram à colaboração de todos. De fato, *«a sinodalidade requer que os irmãos sejam informados a respeito dos problemas comuns, sejam envolvidos com maior participação na elaboração das decisões importantes, sobretudo referentes a projetos comuns (comunitários, apostólicos, formativos...) e valorizando os vários Conselhos em todos os níveis»*, recorda uma circunscrição.

Uma comunidade acolhedora e intercultural é o lugar favorável para aprender a viver e a trabalhar juntos, a compreender a diversidade do outro como riqueza, e para aprender a confrontar-se e a desenvolver a capacidade de dialogar com o mundo ao qual o carisma nos envia. Em uma comunidade assim, pode-se desenvolver uma cultura do encontro, onde se possa amadurecer o espírito universal paulino e nos educar para uma mentalidade aberta, como a de São Paulo. O Apóstolo dos gentios, de fato, é um grande exemplo de trabalho em equipe e em rede. Não obstante as dificuldades Paulo procura trabalhar junto, em equipe, em “rede”, com diversos colaboradores, homens e mulheres, mostrando com sua praxe pastoral que a comunidade cristã se constrói e se instaura como comunidade de relações.

Outra reflexão pode ser retomada das recentes *Linhas editoriais* (2018). O cap. 5 aprofunda o tema da *Unidade apostólica*, recordando que *«na comunicação, entendida como comunhão, é imprescindível o trabalho em equipe e em rede. O editor paulino não é uma pessoa isolada, mas é parte de um corpo unitário e coeso. As novas dinâmicas comunicativas da sociedade em rede exigem um trabalho coordenado, harmonioso, horizontal e universal»*.

Devemos também recordar que a sinodalidade (no trabalho em equipe) depende antes de tudo do empenho de cada pessoa, de sua abertura aos outros, do esforço de escutar e dialogar, de superar os possíveis conflitos e de perdoar, de ter uma visão de conjunto da missão (de querer “caminhar juntos”). *«É preciso morrer aos muitos egoísmos, aos interesses pessoais nos contextos comunitários e apostólicos»*, disse uma circunscrição.

22. Formação para o exercício da autoridade como serviço

Em estreita relação com o trabalho em equipe, muitas circunscrições sublinharam a necessidade de repensar o serviço da autoridade. É praticamente unânime o pedido de revisão de nosso *Manual* a respeito deste tema, juntamente com um trabalho sério de revisão de todas as normativas e a clarificação dos papéis e funções na Congregação.

Em sua Carta anual de 2020, o Superior geral nos oferece algumas luzes para refletir a respeito deste tema: *«Obviamente no caminho sinodal não desaparece o papel da autoridade, mas requer uma autocompreensão mais evangélica, que vá além da visão piramidal, centralizante e unidirecional. É preciso testemunho do exercício da autoridade de tipo “horizontal”, que caminha junto com os irmãos, ajudando-os a crescer na fidelidade ao Evangelho e ao carisma. A autoridade tem uma função importante no caminho sinodal, mas deve ser compreendida na ótica do serviço (diakonia)»*.

Uma circunscrição destacou uma realidade frequentemente presente em nossos ambientes, sublinhando como a sinodalidade é *«prejudicada principalmente pelo clericalismo, que pode ser traduzido*

como “abuso de autoridade”. O clericalismo gera também a falta de participação integral. Gera “pequenos reinos” ou grupos que agem não em sinergia com a comunidade, mas segundo sua vontade ou interesses pessoais». A sinodalidade nos solicita pôr ao centro a autoridade do “Servo”, pois uma autoridade piramidal fundada no poder não funciona mais. A mentalidade sinodal nos convida a uma cultura de consulta e colaboração, onde existam mais decisões coletivas e mais partilha de informações. Nesta dinâmica, os Superiores são convidados a estimular e a criar tempos e lugares para a partilha, o confronto e o discernimento entre todos os membros, no campo comunitário e no campo apostólico. São convidados a ser verdadeiros animadores. «É preciso que haja líderes que indiquem o caminho, que saibam passar confiança mediante um diálogo sincero e íntegro para afrontar os vários problemas, não super-administradores que não escutam e se confrontam pouco com os confrades envolvidos na mesma missão apostólica», declara uma circunscrição.

Por outro lado, todos os membros são exortados a transformarem-se, mudando o modo de pensar e de agir. Em uma comunidade de paulinos, não se pode fazer com que tudo dependa do Superior, como se fosse responsável por todas as decisões e ações na comunidade. Cada um tem seu papel e este deve ser preservado e valorizado. Os superiores não são cuidadores nem babás. A comodidade (zona de conforto) assumida em diversas comunidades como estilo de vida gerou alguns religiosos “infantis”, que projetam e esperam muito do Superior, renunciando a uma atitude proativa e assertiva, de fato sinodal.

Segundo uma circunscrição, o estilo de vida sinodal é a premissa de uma revolução no governo da Congregação também, desde a praxe vigente de consultas para a nomeação dos Superiores até a representação eletiva nos Capítulos, das funções que os Superiores, os Diretores do apostolado, os ecônomos e os responsáveis pela formação até o sistema de verificação como estilo constante na condução das atividades e na gestão das comunidades.

23. Leigos e Paulinos juntos

No processo em vista de uma Congregação Sinodal é fundamental refletir seriamente a respeito do relacionamento com os leigos, sobretudo com nossos colaboradores, visto que os leigos colaboradores ou consagrados nos Institutos agregados estão inclusos no próximo ponto, que diz respeito à Família Paulina.

É verdade que todas as leis civis e trabalhistas devem ser seguidas em relação aos leigos que trabalham conosco como “empregados” ou “colaboradores”. Devem existir, porém, estima e respeito mútuo e é preciso crescer na confiança recíproca. Neste sentido, praticamente todas as circunscrições concordam a respeito da falta de envolvimento dos leigos no que se refere à nossa identidade e missão na Igreja. Falta formação carismática e espiritual de todos aqueles que trabalham a nosso lado. As circunscrições, de uma parte, reconhecem que *«não promovemos o espírito de colaboração e subsidiariedade»* e, de outra, são conscientes que *«a relação entre paulinos e colaboradores não deve ser entendida como meramente instrumental, mas colaboradora na única missão evangélica»*. A conversão que o tema do XI Capítulo geral convida a realizar nos impulsiona a ser sempre mais conscientes que o leigo é chamado à obra de evangelização. Ele deve ser acolhido como um dom no exercício do apostolado para que participe do carisma, graças à sua competência e à sua pertença à Igreja.

A terminologia usada para os leigos também é um elemento importante. Eles não podem ser simplesmente tratados como "empregados", mas sim como verdadeiros colaboradores, convidando-os a participar da nossa missão e educando-os no nosso carisma. A qualidade da formação e preparação que oferecemos aos colaboradores leigos é determinante para a qualidade do seu serviço.

Nesse sentido, uma circunscrição enfatiza: *«É verdade que a abertura aos leigos é uma necessidade, mas também é verdade que é providencial: tira aquela armadura de autossuficiência que caracteriza o Paulino, mas ao mesmo tempo revela um aspecto inédito da vocação*

paulina no qual pouco se pensa: transmitir aos leigos o propósito da missão evangelizadora na cultura da comunicação e oferecer-lhes uma formação adequada. Se quiserem, é a Igreja em saída dos Paulinos, sinal visível do espírito missionário inculcado por Pe. Alberione».

24. Família Paulina

Pertencer à Família Paulina não é um elemento acessório para nós. É uma parte essencial da nossa identidade e missão, como sublinham as nossas Constituições: «*A Sociedade de São Paulo é parte e “altriz” da Família Paulina. [...] Têm uma origem comum, um espírito comum, fins convergentes. A pertença à Família Paulina, desejada como tal pelo Fundador, é um dos elementos carismáticos de cada instituto*» (art. 3). As Constituições também nos lembram que «*a colaboração, tanto dentro de nossa Congregação como dentro da Família Paulina, é essencial para o cumprimento de nossa missão. [...] As relações da Sociedade de São Paulo com os outros institutos da Família Paulina devem ser marcadas por uma estreita colaboração espiritual, intelectual e apostólica no respeito pela distinção e independência de cada instituto* » (artigos 85-86).

Com palavras diferentes, praticamente todas as circunscrições concordam que temos uma grande responsabilidade como Congregação "altriz", tarefa que não podemos ignorar, mas viver com espírito de serviço. Nem sempre pudemos promover um verdadeiro trabalho em colaboração com os outros institutos da Família Paulina, precisamente porque, como paulinos, negligenciamos o nosso ser *altriz*. Nosso desafio continua sendo o de ajudar e acompanhar os Institutos e Congregações e planejar o futuro, especialmente no campo missionário da cultura da comunicação, com o compromisso de iniciar projetos apostólicos comuns, não se limitando à animação espiritual. Uma circunscrição exprime um desejo comum: «*No âmbito da Família Paulina, a sinodalidade convida-nos antes de tudo a libertar-nos dos preconceitos, das competições nocivas e de todas as feridas e ressentimentos do passado, e a orientar-nos antes para a ajuda mútua a fim de crescer juntos*».

Reunir-se com mais frequência e centrar-se na missão comum de tornar conhecido Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, segundo o espírito de São Paulo, sob o olhar da Rainha dos Apóstolos, procurando cumprir com humildade o nosso serviço de “altriz” “é uma das formas possíveis de crescer em comunhão e colaboração. No entanto, é necessário assumir nosso compromisso comunitário e apostólico por meio de projetos compartilhados. *«É importante ouvir a voz dos vários Institutos e Congregações, considerar sua importância e evitar qualquer tipo de autorreferência de nossa parte»*, diz uma circunscrição. Devemos estar cientes de que fomos criados para ser uma família a serviço do evangelho.

Nesse processo, certamente nos ajudará a conhecer mais profundamente cada uma das Congregações e Institutos Paulinos, e o pensamento de Pe. Alberione sobre o nosso ser Família. Em algumas circunscrições existe uma inadequação não só na escuta, no diálogo e no discernimento com os membros da Família Paulina, mas também no conhecimento, na valorização e no acompanhamento dos Institutos. A ponto de uma circunscrição afirmar: *«A identidade e a missão dos institutos não são claras e por isso não são promovidos em vários lugares»*. Por sua vez, os membros dos Institutos agregados veem como uma riqueza sentir-se envolvidos e viver a unidade, *«na imensidão da paróquia paulina, que tem como limite os confins do mundo e como rebanho tanto os do redil e aqueles que querem ser trazidos para o redil»*.

Para aprofundar

- *Quais ressonâncias a leitura atenta do texto suscitou em nós?*
- *Em quais elementos desta síntese a maior parte de nós se reconhece? Quais elementos deveriam ser mais evidenciados e quais deveriam ser integrados?*
- *Na leitura da realidade proposta pelo texto, segundo nosso entendimento, falta algum aspecto importante?*

ESCOLHER: identificar escolhas futuras

Relatamos a seguir as propostas que na primeira fase de discernimento, realizado nas várias circunscrições, foram mais amplamente compartilhadas. Mantemos o texto original, mesmo que a lista não seja homogênea.

25. Um estilo sinodal

- a) Sugere-se que sejam criados tempos e lugares de partilha, discussão e discernimento entre todos os membros, nos campos comunitário e no campo apostólico. Devemos nos concentrar na *cultura do encontro*, criar relacionamentos físicos e virtuais em todos os lugares e com todos. É necessário assumir o princípio da unidade na diversidade, através do trabalho em equipe na comunidade e nos diversos setores apostólicos.
- b) Atento às *relações* como ponto chave da prática comunicativa e às *redes* como lugares de criação colaborativa de sentidos e conteúdos, o Editor Paulino deve buscar novas formas de presença e ação, não tanto ligadas aos meios, mas sim à cultura e à nova gramática da comunicação, estando ao serviço de todo o povo de Deus, especialmente dos homens e mulheres que vivem nas periferias de hoje (cf. *Linhas editoriais* 3.1)

26. Igreja local

- c) Sublinha-se a necessidade de sentir e trabalhar sempre com a Igreja e na Igreja, não apenas como Instituto, e de oferecer a colaboração da nossa contribuição específica.
- d) Solicita-se que o Projeto Apostólico da Circunscrição esteja em sintonia e sintonia com as exigências pastorais das Igrejas locais.
- e) Convida-se a colaborar com os centros diocesanos de comunicação e a ajudar as dioceses a criar estes centros onde ainda não existem.
- f) Sugere-se criar colaboração entre nossos centros de comunicação e a Igreja local.

27. Liderança saudável

- g) Recomenda-se a formação para o exercício da autoridade mediante o estudo e aprofundamento do exercício do serviço da autoridade.
- h) Recomenda-se que todos os que exercem a autoridade, canônica ordinária ou delegada, sejam os primeiros promotores da escuta, do diálogo, da fraternidade.
- i) Quem exerce autoridade deve promover, a nível local e internacional, a abertura ao multiculturalismo, com empenho e criatividade, por exemplo através de seminários ou conferências.

28. Leigos

- j) Exorta-se a promover entre os colaboradores, por meio de um projeto específico, a formação na espiritualidade e na missão paulina. É preciso investir na formação dos leigos. Também é necessário implementar o programa CTIA neste sentido.

- k) Recomenda-se melhorar a comunicação entre paulinos e colaboradores leigos. O paulino deve evitar aquela atitude de orgulho e autossuficiência que às vezes o caracteriza, lembrando que cada um tem algo a aprender do outro.
- l) Pede-se que as competências dos nossos colaboradores leigos sejam valorizadas e respeitadas. Estejam envolvidos na concepção e planejamento, promovendo um clima de respeito pelo seu próprio trabalho e pelo dos outros.
- m) Os paulinos, além de bons "patrões", são chamados a ser autênticas testemunhas de consagrados.
- n) Os colaboradores devem ser escolhidos com cuidado, levando em consideração suas habilidades profissionais, mas também a constelação de seus valores e suas motivações pessoais.
- o) Sejam programados momentos de atualização e promoção de iniciativas fora do contexto de trabalho (jantares sociais, eventos, apresentações etc.) para fomentar o conhecimento mútuo e promover a coesão e o sentimento de pertença.

29. Família Paulina

- p) Exorta-se a iniciar processos que conduzam a uma unidade cada vez maior e a uma colaboração recíproca no campo espiritual apostólico com as outras instituições da Família Paulina, envolvendo concretamente os Institutos agregados e os Cooperadores.
- q) Para alcançar mais comunhão e colaboração na Família Paulina considera-se necessário reunir-se com mais frequência, centrando-se na missão comum de tornar conhecido Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, segundo o espírito de São Paulo, procurando humildemente realizar o nosso serviço de *altriz*, lembrando-se de ter o mesmo Fundador e de estar ao serviço da mesma Igreja.

- r) Exorta-se a continuar a cooperar na ação apostólica e na animação carismática e espiritual, que oferecem oportunidades concretas de redescobrir e crescer concretamente na mútua estima e, sobretudo, na unidade do carisma: os Governos da Família Paulina têm nesse ponto uma das primeiras e mais importantes tarefas a cumprir e sobre a qual continuar a refletir.
- s) Sugere-se abrir um canal de diálogo através das redes sociais para perguntas, partilhas ... em nível de Congregação, de Família Paulina e dos leigos em temas como comunicação, espiritualidade, Família Paulina, etc. para um confronto e diálogo de maneira geral.
- t) Solicita-se um maior envolvimento dos Institutos Agregados no apostolado paulino, sempre em liberdade e tendo em conta o seu apostolado específico. As aptidões profissionais dos membros dos Institutos e dos Cooperadores devem ser mais valorizadas no cumprimento da missão paulina.
- u) A Sociedade de São Paulo deve comprometer-se com a formação e o acompanhamento dos Institutos. Também se propõem encontros circunscricionais e continentais regulares entre os dirigentes dos Institutos, juntamente com os membros dos Institutos, conforme as possibilidades.
- v) Sugere-se o planejamento de encontros mensais com os Cooperadores Paulinos, usando também os meios digitais. Os Cooperadores podem multiplicar o convite e nestes espaços dar a conhecer a missão da Família Paulina.

Para aprofundar

- *Depois de examinar as propostas apresentadas no 2º questionário de preparação ao Capítulo geral, somos agora chamados a identificar as grandes opções para o próximo sexênio. O que podemos fazer de forma realista para enfrentar os desafios que surgiram em nível geral e circunscricional? Que propostas você acrescentaria?*

APÊNDICE

30. O desafio da pandemia

A comissão antepreparatória do XI Capítulo geral considerou oportuno acrescentar ao *Instrumentum Laboris* este apêndice ditado pela situação particular de pandemia em que vivem a humanidade e a Congregação. Isto foi feito envolvendo todos os Superiores de circunscrição e seus Conselhos com uma carta enviada em 17 de abril de 2021.

Ao avaliar as respostas recebidas, de forma geral, destaca-se que a pandemia fez explodir os problemas já existentes antes da pandemia e já contidos nas páginas anteriores deste *Instrumentum Laboris*. Por respeito ao trabalho desenvolvido pelos Superiores Maiores com os vários Conselhos das Circunscrições, apresentamos um resumo não exaustivo das respostas recebidas às 3 perguntas que havíamos proposto na citada carta.

a. Negatividades destacadas:

na vida comunitária: falta de fraternidade, comunhão, respeito pelos outros, individualismo, relações débeis entre pessoas, comunidades e circunscrições, fragilidade em matéria de obediência e pobreza, falta de espírito de sacrifício...;

na formação: fragilidade da formação integral paulina para a missão, falta de acompanhamento dos jovens, analfabetismo digital, falta de identidade paulina...;

no apostolado: estruturas pesadas e processos lentos, estamos principalmente focados na área do livro, falta de

projetos e criatividade, falta de rumo e projeção sobre o futuro, falta de liquidez e demasiadas dívidas, não conseguimos de forma constante e eficaz morar lá no ambiente digital; fragilidade na relação com os leigos.

b. Valores que surgiram:

confiança em Deus como valor fundamental da nossa vida, solidariedade, colaboração / trabalho em equipe/sinodalidade/ fraternidade, estudo e atualização no espírito de “estudiosidade”, formação no mundo digital, criatividade, integração na Igreja local, saúde , um *sentimento de pertença* à Congregação.

c. A que somos chamados:

mudança de estilo de vida, pôr Deus no centro, para ser testemunhas de esperança e alegria, promoção da fraternidade e do bom relacionamento, cultivo do espírito de escuta, testemunho de vida coerente e sóbria; estilo missionário *em saída* para criar pontes na Família Paulina, na Igreja e na Sociedade, para ser fonte de luz e consolo para as pessoas.

A pandemia manifestou todas as nossas limitações devido a decisões que sempre foram relatadas em nossos documentos, mas nunca levadas a sério e implementadas com eficácia. Ela mostrou a urgência de iniciar novos caminhos e projetos não ditados pela simples boa vontade de alguém, mas assumidos em nível congregacional, a partir de uma nova visão.

Devemos evitar o perigo de que a renovação congregacional, solicitada ao Capítulo geral, se torne apenas uma resposta às dificuldades que experimentamos no tempo da pandemia. A visão que precisamos ter é muito mais profunda.

Estamos vivenciando uma **mudança de época** que colocou a pessoa, a sociedade, as comunidades, os relacionamentos, "a casa

comum" em crise e exige uma identidade paulina renovada que nasce de uma nova visão congregacional e se traduz em novos estilos nas várias áreas de nossa vida paulina. Este tema foi amplamente desenvolvido na Carta Anual do Superior Geral em 2021, intitulada *O Editor paulino. Artesão de comunhão em um mundo conectado*.

O objetivo escolhido para o nosso Capítulo geral indica o caminho que nós, como Congregação, escolhemos seguir nos próximos anos. Ao mesmo tempo, acreditamos que ele dá unidade e recolhe em si tudo o que referimos acima nas fragilidades evidenciadas, nos valores que surgiram e nas exigências da humanidade. **“Deixai-vos transformar, renovando a vossa forma de pensar”** (Rm 12, 2). *Chamados a ser artesãos de comunhão para proclamar profeticamente a alegria do Evangelho na cultura da comunicação*.

A construção de uma nova visão congregacional e de uma identidade renovada do Paulino hoje requer e se realiza somente se houver uma transformação e uma renovação em nosso modo de pensar. Isso é possível na medida em que frequentamos e nos deixamos moldar pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, celebrada e adorada. Colocar Cristo e nossa configuração com Ele no centro de nossa vida torna-se uma fonte de renovação, de criatividade, de identidade.

Ser artesãos de comunhão nos faz superar todas as fragilidades encontradas em nossa vida pessoal, comunitária e congregacional e responde aos valores e aos pedidos que a humanidade hoje exige para dar sentido à própria vida.

Da mesma forma, o anúncio profético da alegria do Evangelho contém e exprime a nossa identidade de consagrados que anunciam o que primeiro viveram e experimentaram. Num estilo de vida orientado para a sobriedade e para um testemunho credível de vida de vida fraterna, os Paulinos se preparam para ser consagrados de comunicação e relação, e encarnam profeticamente "um fragmento do céu".

Sabemos muito bem que a nossa missão evangelizadora se expressa na cultura da comunicação. Mas, como comprovam as respostas recebidas, temos grande dificuldade em nos renovarmos neste campo. Por que? Talvez porque não tenhamos percebido em profundidade e amplitude as transformações no mundo da comunicação e não nos tenhamos inserido plenamente como congregação nessas transformações.

Por outro lado, devemos perceber que, tendo mudado os paradigmas da comunicação, isso, junto com outros fatores, também contribuiu para minar a experiência de nossa vida paulina, pelo que hoje estamos, com dificuldade, em busca de novos caminhos. A própria identidade do Paulino adquire uma nova dimensão: radicalmente enxertado em Deus e homem de comunicação, o Paulino deve ser uma pessoa de relações na atual cultura da comunicação. Na busca de uma identidade renovada do Paulino, se quisermos encarnar nosso carisma congregacional na realidade de hoje e na humanidade de hoje, teremos necessariamente que repensar a formação, nosso ambiente apostólico, a nossa vida comunitária, a expressão de nossa vida espiritual e de nossa consagração, nossa relação com a humanidade.

Tudo isso deve ser levado em conta para as futuras escolhas congregacionais e para o início de novos processos que deem sentido, valor e seguimento à nossa vocação, missão e presença paulina na Igreja e no mundo.

O caminho para chegar a um Pentecostes congregacional renovado deve ser percorrido juntos, um caminho de fraternidade e proximidade, exercido na paciência, na misericórdia e na perseverança, pensando que não estamos sós e que estamos a serviço de um projeto maior de nós: «*Não me escolheste, mas eu vos escolhi*» (Jo 15,16). A promessa de Jesus nos console e nos estimule: «*Eu estou convosco até o fim dos tempos*» (Mt 28,20).

ORAÇÃO PELO CAPÍTULO GERAL

Ó Divino Espírito Santo, que, enviado pelo Pai em nome de Jesus, assistis e guiais infalivelmente a Igreja, infundi sobre nosso Capítulo a plenitude dos vossos dons.

Ó suave Mestre e Consolador, iluminai a nossa mente, fazei com que deste Capítulo amadureçam frutos abundantes.

O nosso empenho de santificação e de apostolado adquira novo vigor.

A luz e a força do Evangelho se difundam mais e mais entre os homens.

Ó doce Hóspede das almas, confirmai as nossas mentes na verdade, disponde à obediência os corações de todos, para que as deliberações do Capítulo encontrem generoso assentimento e pleno cumprimento.

Renovai em nossa Família os prodígios de um novo Pentecostes. Concedei que, reunida em unânime e mais intensa oração, em torno de Maria, Mãe de Jesus, e dos Apóstolos, ela difunda o reino do Mestre Divino no espírito do Apóstolo Paulo. Amém.

ÍNDICE

PREMISSA	3
INTRODUÇÃO	5
UM CAMINHO SINODAL ABERTO AO ESPÍRITO	5
a) História do percurso	5
b) O método de discernimento	7
c) Estrutura do texto do <i>Instrumentum laboris</i>	8
d) Conclusão: iniciar processos	9
PRIMEIRO NÚCLEO:	
O PAULINO E SUAS RAÍZES CARISMÁTICAS	11
RECONHECER nossa situação	12
1. As características de um verdadeiro apóstolo	12
2. Comunhão e testemunho	13
Para aprofundar	14
INTERPRETAR à luz da fé	15
3. Mundanismo espiritual e perda do sentido de consagração	15
4. Individualismo, falta da cultura do encontro e perda do sentido de comunidade	16
5. Ativismo e mentalidade empresarialista	18
Para aprofundar	20
ESCOLHER: Identificar escolhas futuras	21
6. Vida espiritual e fontes carismáticas	21
7. Vida comunitária e autoridade	22
8. Vocações	22
29. Envelhecimento	23
Para aprofundar	24
SEGUNDO NÚCLEO:	
PAULINO EM MISSÃO: FORMAÇÃO INTEGRAL PARA A MISSÃO... 25	
RECONHECER nossa situação	26
10. Formação e missão	26
11. Na raiz do nosso carisma	27
Para aprofundar.....	28

INTERPRETAR à luz da fé	29
12. Carência de formação integral:	
pobreza cultural, intelectual e profissional	29
13. Dicotomia entre formação e missão	30
14. Perda de paixão pela missão, medo da mudança,	
inadequação às novas linguagens de comunicação	32
Para aprofundar	35
ESCOLHER: identificar escolhas futuras	36
15. Formação e formadores	36
16. Formação e missão	37
17. Apostolado, comunicação e digital	38
Para aprofundar.....	39
 TERCEIRO NÚCLEO:	
UMA CONGREGAÇÃO SINODAL	41
RECONHECER nossa situação	42
18. O grande desafio da Igreja e da Congregação	42
19. Sinodalidade aplicada /encarnada	43
Para aprofundar.....	45
INTERPRETAR à luz da fé	46
20. Sinodalidade: mentalidade a assumir	46
21. Trabalho em equipe	47
22. Formação para o exercício da autoridade como serviço	48
23. Leigos e Paulinos juntos	50
24. Família Paulina	51
Para aprofundar	52
ESCOLHER: identificar escolhas futuras	53
25. Um estilo sinodal	53
26. Igreja Local	54
27. Liderança saudável	54
28. Leigos	54
29. Família Paulina	55
Para aprofundar	56
 APÊNDICE	
30. O desafio da pandemia	57

«Se caminarmos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Assim unidos, poderemos aprender uns com os outros, acalantar os corações, inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos.»

(Christus vivit, 199)